

CHIARA GAMBERALE

**as luzes nas
casas dos outros**

Tradução de Joana Fabião

Mãe. Durante o tempo todo em que ia no carro até àquele sítio absurdo, onde pela primeira vez encontrei todas, mas mesmo todas as pessoas que conhecia (que não eram assim tantas, mas vê-las todas juntas fez-me impressão), não conseguia pensar noutra coisa. E, enquanto estava sentada naqueles degraus frios, com os joelhos contra o peito, e todas as pessoas abanavam a cabeça, choravam e se abraçavam, só conseguia pensar na minha mãe. Mãe mãe mãe. Não havia nada a fazer. Mãe mãe mãe. Eu levantava-me para dar uma voltinha, e continuava a repetir mãe, sem conseguir parar, mãe, mãe, mãe, as pessoas faziam-me uma festa e eu dizia mãe. “Pobre Mandorla”, eles, e eu só: “mãe, mãe”, sem vergonha nenhuma, pior que um gravador encravado, que pelo menos, pensei, têm um botão para parar as cassetes, e então comecei a procurar no meu corpo um botão do género, no meio de pensamentos, de palavras, na bandolete que a dona Tina Polidoro me tinha emprestado, nos cabelos, nas orelhas, mas não o encontrava, e continuava a pensar: mãe mãe mãe mãe.

Rua Grotta Perfetta, 315

Antigo Lavadouro



Eng. Barilla Carmela Barilla



Matteo Giulia

5.º andar



Lorenzo Ferri Lidia Frezzani



Efexor

4.º andar



Paolo de Santis Michelangelo Arca



3.º andar



Samuele Grò Caterina Grò



Lars

2.º andar



Tina Polidoro



1.º andar



Antes

NO PRIMEIRO ANDAR

Quando, naquela manhã, ouviu o telefone tocar, Tina Polidoro receou que fosse uma freira da instituição onde vivia a sua mãe (que, na semana anterior, só para contar uma das suas diatribes, acusara a cozinheira de ter envenenado o pudim). Também podiam ser os gémeos que estivessem outra vez na bancarrota, ou então podia ser só Gianpietro que lhe queria dar os bons-dias.

Aliás, mais ninguém tinha o seu número de telefone.

Enquanto se arrastava da cozinha para a sala, a fim de atender o telefone, Tina pensava que os telefonemas àquela hora se dividiam em duas categorias. Aqueles de que, quando vamos dormir, já nos esquecemos e os de que nos lembramos; destes, por sua vez, alguns conciliam-nos o sono, e outros não nos deixam dormir.

Mas não era uma freira, nem um dos seus irmãos, nem o seu ex-aluno preferido.

Era a Polícia.

- A minha mãe é muito velha; se disse ou fez alguma coisa contra as freiras, não o disse nem fez intencionalmente, dou-lhe a minha palavra.

- Sentiu logo a necessidade de esclarecer.

- Desculpe?

- As freiras da instituição.

- Que freiras?

- Ah, desculpe, não ligue.

- Não faz mal. Bem...

– O que é que os gémeos fizeram agora?

– ...

– Ora, também não foram os gémeos? Então, desculpe, o que aconteceu?

E se é no fim do dia que se percebe a verdadeira natureza dos telefonemas matinais, então...

Não foi preciso esperar pelo fim do dia para perceber que a notícia do polícia, muito simpático, por sinal, era uma tragédia. Uma verdadeira tragédia.

NO QUINTO ANDAR

O telefone tocava e ninguém respondia.

Claro. Aparentemente, aquela era uma normal manhã de terça-feira, como tantas outras, como todas as manhãs de terça-feira.

Não havia motivo para que o, Eng. Barilla não estivesse na empresa, a mulher não estivesse no hospital, e Giulia e Matteo não estivessem na escola.

Tina estava para desligar, quando, finalmente, uma voz do outro lado do fio do telefone respondeu.

– Casa Barilla, bom dia.

– Sim... Sou a Tina Polidoro, do primeiro andar.

– Senhores não estar em casa, voltar à uma e meia.

– Hum... Pode dar o recado a dizer que eu telefonei, por favor?

– Eu vai dar.

– Obrigada.

NO SEGUNDO ANDAR

“A lista da Cate, oh, meu Deus”, lembrou-se, de repente, Samuele Grò.

DOIS PEITOS DE FRANGO

PÃO (UM CACETE OU TRÊS PÃES CIABATTA)

TOMATE-CEREJA (UMA EMBALAGEM)

PENSOS HIGIÊNICOS

MONURIL (EM SAQUETAS)

SÊMOLA

PAGAR CONTA TELEFONE + GÁS

TEL. PARA PEDIATRA VACINA LARS

TEL. TEUS PAIS PARA DESMARCAR JANTAR DEPOIS DE AMANHÃ

Tinha-se esquecido completamente da lista, e, se não se despachasse, arriscava-se a que os correios e a farmácia fechassem. Vestiu a correr o anoraque, as calças de ganga por cima do pijama, e estava para calçar os sapatos quando o telefone tocou.

– Deve ser a mãe, bebé; é melhor não atender – disse, voltando-se para Lars, que estava entretido a enfiar o calcanhar na boca, afincadamente.

Mas o telefone continuava a tocar. Mais. E mais.

“A Cate ainda vai acabar por se chatear a sério se eu não responder e ela precisar de me dizer alguma coisa de urgente, muito mais do que

se eu responder e ela descobrir que ainda não fiz nada do que tinha para fazer.”

– ’Tou? – disse, por fim, com a voz um pouco ofegante, como se tivesse acabado de chegar a casa naquele momento.

– ’Tou, fala a Tina Polidoro.

– Oh... Dona Tina... olhe, estava mesmo para lhe ir bater à porta. Acha que podia deixar-lhe o Lars por dez minutos? É que está frio e te...

– Senhor Grò.

– Dona Tina...?

– Estou na morgue.

– O quê?

– Nem sabe a desgraça que aconteceu.